

A situação do câmbio é difícil. Vêm aí novas midis.

A mididesvalorização de 12%, decretada sexta-feira, pode resolver o problema de deterioração das divisas cambiais a curto prazo, mas antes mesmo do fim do governo Sarney o Ministério da Fazenda pode recorrer a outra ou mais desvalorizações cambiais para tentar resolver o problema de escassez de dólares. Esta é a avaliação de funcionários do governo, que identificam na falta de crédito para o Brasil — não só os empréstimos acertados no acordo com credores e até hoje não liberados, mas também escassez de linhas de financiamento à exportação — a razão maior da necessidade desta e de futuras desvalorizações mais acentuadas do cruzado.

Com a midide 12%, o Ministério da Fazenda espera acelerar embarques de mercadorias para o exterior e apressar o ingresso de dólares, já que hoje a receita com exportações é praticamente a única forma de entrada de divisas no País. E, nos últimos dois meses, os negócios com exportação começaram a cair perigosamente, prejudicados pela defasagem cambial que vinha tirando a lucratividade de importantes produtos da pauta brasileira, entre eles siderúrgicos, automóveis, celulose, calçados,

textéis e plásticos, que reduziram suas vendas em maio e junho.

Em maio, esse fenômeno não escapava a uma análise mais cuidadosa dos mapas estatístico da Cacex, mas em junho piorou.

Afinal, produtos como o siderúrgicos rendem uma receita anual em dólares de 4 bilhões e a continuidade de suas vendas é essencial para o ingresso de divisas. Para piorar o quadro, as perspectivas de faturamento com as duas principais **commodities** agrícolas que o País exporta — café e soja — são negras porque seus preços estão desabando. A soja porque a safra brasileira é grande e a norte-americana ainda maior e o café porque malogrou o acordo internacional, que impedia a guerra de preços entre os países produtores. De uma expectativa inicial de US\$ 5,5 bilhões com esses dois produtos agora é possível que essa cifra não ultrapasse US\$ 4 bilhões.

Segundo o vice-presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil, Roberto Fonseca, o ministro Mailson da Nóbrega prometeu, na semana passada, aos membros do Cacex que não mais manteria o câmbio defasado para frear o aumento da inflação. Mais do que isso, diante da expectativa de desembolso de US\$ 2,3 bilhões

para pagamento de juros da dívida externa de uma só vez, em setembro, antes disso o governo pode recorrer a outra mididesvalorização para manter as reservas externas num nível acima de US\$ 4 bilhões (hoje estão em US\$ 5 bilhões) e evitar a moratória.

Um funcionário do governo ligado à área financeira dizia ontem que desde a paralisação dos créditos previstos no acordo com os credores agravou-se muito a liberação das linhas que financiam o comércio exterior. Hoje, dificilmente uma empresa exportadora contrata um Adiantamento de Contrato de Câmbio (ACC) com banco estrangeiro por um prazo superior a dez dias, suficiente apenas para providenciar o embarque da mercadoria, mas nunca para financiar a fabricação de um produto. Além disso, os créditos acertados com esse fim vêm sendo negociados em Londres e Nova York com deságio, em operações meramente financeiras e especulativas que nada têm a ver com a venda de um produto. É essa escassez de recursos externos que, no diagnóstico de funcionários do próprio governo, vai determinar futuras mididesvalorizações do cruzado durante o governo Sarney.